



10º Congresso de Pós-Graduação

A CONTRIBUIÇÃO DO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO PARA A CULTURA DA PAZ NA EDUCAÇÃO

Autor(es)

FABIO ROGERIO DOS SANTOS

Co-Autor(es)

RAFAEL TRENTIM SCREMIM

Orientador(es)

CLÁUDIA BEATRIZ DE CASTRO NASCIMENTO OMETTO

1. Introdução

O presente artigo trata da exposição de alguns elementos do Movimento de Cultura de Paz sob o enfoque da contribuição do método Materialista Histórico e Dialético por acreditar que essa perspectiva nos ajuda a entender a sociedade capitalista contemporânea. Partindo do pressuposto materialista histórico e dialético, há o entendimento de que o homem é um ser social, ainda que singularizado. Neste sentido, a compreensão é de que somos sujeitos que embora únicos, não estamos separados das condições materiais/sociais das quais participamos. São estas condições específicas nas quais nos inserimos que nos apontam caminhos para as escolhas que fazemos. Por sermos sujeitos intersubjetivos vamos nos constituindo mútua e reciprocamente com outros sujeitos. Desta forma, para se entender movimentos como o de Cultura de Paz, é necessário primeiro olhar a sociedade tendo como lente as relações sociais de produção, ou ainda, a organização social do trabalho atuante na própria vida do homem. Nesse sentido, Marx (2008) na Contribuição à Crítica da Economia Política, diz: na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade (MARX, 2008, PREFÁCIO). Marx (2008) diz também que não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência. Com isso, em uma sociedade constituída em tais condições e com princípios comportamentais regidos por coisas, ou seja, por mercadorias, ocorrem profundas transformações sociais nos modos de vida, causando embates entre aqueles que possuem e os que não possuem os produtos gerados no capitalismo. Sendo assim, sem a pretensão de explorar todos os vieses da cultura da paz, este trabalho pretende mostrar como os seus pressupostos e objetivos acabaram por influenciar de maneira significativa e oculta as reflexões e ações sobre a temática da paz, tanto na sociedade como no ambiente escolar. Infelizmente o tema ainda é tratado como algo líquido e utópico, mesmo no século XXI. Apresenta também uma concepção de séculos passados, principalmente a herdada dos gregos, eirene, em que a paz era entendida como ausência de guerras.

2. Objetivos

O objetivo deste trabalho é mostrar como a corrente do materialismo histórico e dialético pode contribuir na formação de uma cultura de paz na contemporaneidade.

3. Desenvolvimento

O procedimento metodológico adotado baseia-se em uma sistematização de revisão e atualização bibliográfica. Para isso, serão analisadas as definições epistemológicas e conceituais conforme formuladas nas obras de Marx (1998, 2006, 2008) e de Marx e Engels (1979), como base para reflexão sobre a forma de organização da sociedade contemporânea. Também será apresentado um esboço dos pressupostos do movimento de cultura de paz contemporânea, as concepções ideológicas sociais (posturas coletivas) que estão ligados a ela e questões de paz, filosofias, ou ideologias que dão forma a toda essa enorme estrutura que é a Cultura da Paz. Não é porque falamos de paz que necessariamente estamos falando de sinônimos de coisas boas, lindas e harmônicas esse é um conceito ultrapassado e principalmente limitado sobre a paz.

4. Resultado e Discussão

Para os teóricos do materialismo histórico e dialético a realidade das relações humanas é pautada unicamente pela matéria e sua transformação pela ação do homem através das relações de produção, que, por sua vez, é rica e complexa em detalhes. Essa concepção marxista de desenvolvimento histórico da sociedade, cujo objeto de análise são as transformações econômicas e sociais das relações sociais de produção, é que embasam a evolução dos meios de produção e determinam as formas de relações interpessoais, e principalmente, intrapessoais. Uma sociedade qualquer, que se organize e reflita sobre a forma de como os homens se relacionam para a produção social de bens só poderá produzir no estrato social uma série de conflitos interpessoais, que resultam em uma situação de caos social permanente, caracterizado por ações de violência e um pensamento de constantes desavenças, como pode-se ver diariamente em noticiários sobre crimes e atitudes violentas entre a população. Desse modo, desenvolver uma cultura da paz que seja efetiva para todos os povos é fundamental para a preservação do ser humano e do planeta. Uma cultura de paz que seja propícia a respeitar a vida e a dignidade de cada ser humano, sem discriminação ou julgamento pelo preconceito, que rejeite a violência, praticando a não violência, seja ela ativa ou mesmo passiva, repudiando as mais variadas formas de ações violentas que possa existir, seja econômica, social, política, educacional, física, sexual ou psicológica, em particular contra os mais despossuídos e os mais vulneráveis, como crianças, adolescentes e idosos. Portanto, um movimento pela cultura da paz é hoje, além de um desejo coletivo, uma necessidade urgente, necessidade essa que emerge das circunstâncias reais, presentes e rotineiras, e do próprio conhecimento historicamente construído pelo homem durante as últimas décadas. Um movimento de cultura pela paz que modifique os conceitos limitados sobre o que é paz, e coloque em reflexão dialética a cultura tradicional (paz negativa) e a cultura de paz (paz positiva). Como mostrado por Jares (2002) a paz negativa possui a seguinte característica A paz é essencialmente um conceito negativo, ao ser definido como ausência de conflito bélico ou como estado de não-guerra. Ainda para o autor ...a concepção tradicional de paz dominante é um conceito limitado quase que exclusivamente ao sentido de pactos entre estados; ou ...outra característica que aparece muito presente na tradição popular quando se fala de paz como harmonia, serenidade ou ausência de conflitos. Conclui-se, portanto, que a origem das desigualdades sociais se deu devido ao advento da propriedade privada (MARX, 2006), bem como a luta política entre as classes sociais com a finalidade de superação do modo de produção exploratório. Desta feita, neste cenário de constantes conflitos sociais, é que a violência aflora de forma acelerada, criando uma rivalização entre pessoas, instituições, estados e países. Esse permanente estado de violência produz nas mais diversas áreas conceitos que buscam justificar suas ações. Nessa perspectiva, o objetivo de um movimento de cultura da paz que seja contemporâneo é o de assegurar que os conflitos inerentes aos relacionamentos humanos e sociais sejam resolvidos de forma não violenta e não armada, mas sim, mediada, com base nos valores da cultura da paz, incluindo-se a justiça social, a liberdade, a equidade, a solidariedade, a tolerância e o respeito pela dignidade humana, qualidade intrínseca do ser cultural. Conforme vamos aprofundando sobre a temática paz, observamos que novos conceitos vão se agregando para uma cultura de paz como o entendimento de conceitos de conflito e violência. A paz deve ser encarada não como ausência de guerra, mas sim de sua antítese, que é a violência (JARES, 2002), logo para uma educação para a paz é preciso também saber como cultivar essa cultura. Para um processo de consolidação de uma educação para a paz, é necessário, sobretudo, não apenas entender seus conceitos, mas principalmente refletir e agir sobre ela para que seus efeitos possam realmente impactar a todos os envolvidos. Sendo assim a educação para a paz, Configura-se como uma estratégia social transformadora, na qual todo o mundo participa sem imposições nem submissões e implica uma atitude ativa de não cooperação com a injustiça, de luta contra ela, demonstrando a coerência entre os fins e procurando uma relação igualitária de forças (SÁNCHEZ, 1997, p. 22). Seguindo a mesma linha de pensamento, Callado (2004, p. 32) nos ensina que A Educação para Paz parte da análise da realidade, entendida como o conjunto das relações que o ser humano pode estabelecer, consigo mesmo, com os demais e com as instituições por ele criadas, e com a natureza ou o meio ambiente em que transcorre a vida. Neste sentido, a Educação para a Paz trabalha a partir de uma perspectiva integradora do conjunto destas relações orientadas a favorecer processos de desenvolvimento igualitário que sejam compatíveis com o desenvolvimento pessoal, com o desenvolvimento social e com o respeito ao meio ambiente. Em toda essa gama de conhecimentos que a educação para a paz envolve, fica nítida a grande importância de um trabalho efetivo a respeito do assunto nas escolas esclarecendo os vários sentidos que ela possui, dentre eles preparar as pessoas para a convivência num modelo de sociedade em que a paz, seja uma atitude participativa que promova o enfrentamento de responsabilidades, para gerar mudanças em nossa sociedade (LOZANO e RUEDA, 1997, p. 37). Segundo Guimarães (2005), podemos identificar diferentes pensamentos que se referem à cultura de paz e que influenciarão várias ações de educação para a paz, que foram organizados por sindicatos de educação, e desde o movimento socialista utópico que herdou das ideias iluministas os conceitos de guerra e de paz, após a derrota da França para a

Inglaterra em 1814, uma proposta de criação de um Parlamento Europeu e a união dos países, deixando de lado os ressentimentos e nacionalismos, que o desenvolvimento do setor industrial possibilitaria o início de uma era de paz entre os povos, necessária para a sobrevivência da humanidade. Proudhon (2002), em sua obra *A Guerra e a paz de 1861*, ressalta a importância dos trabalhadores no desenvolvimento da cultura de paz e procede à crítica socialista das demais concepções sobre paz, seja na concepção militar, religiosa ou até mesmo política. Para Karl Marx todas as guerras eram injustas, pois estas tinham em seu cerne o intuito de manutenção da dominação e da exploração. Para ele, um único conflito justo caso ocorresse, seria a de todos os proletários contra os patrões, e que a paz somente seria instaurada com o advento de uma sociedade comunista. Nessa perspectiva, Marx protesta contra a guerra entre França e Alemanha, solicita a união entre trabalhadores franceses, alemães e espanhóis em um grito de repúdio contra a guerra, faz diferença entre a guerra do proletariado e outras guerras e contribui para o movimento de paz ao admitir que os trabalhadores não têm pátria, refutando o nacionalismo motivador de guerras. Expressa na declaração da United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization - UNESCO (Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas), A guerra nasce no espírito do homem, logo é no seu espírito que devem ser erguidas as defesas da paz (UNESCO, 1945). É partindo dos conceitos da educação para a paz que podemos entender mais facilmente o real significado da paz e a partir daí observamos que ela continua entrelaçada de uma maneira muito forte com a prática educativa, como se paz e educação fossem praticamente um binômio.

5. Considerações Finais

A relação entre o método de Marx e Engels e a concepção de paz que circula atualmente não é mera coincidência, a luta por melhores condições de trabalho (na concepção ampliada da paz pode ser vista como a melhoria da qualidade de vida); a valorização do trabalhador e não a exploração (respeito ao ser humano e salários dignos), entre outros exemplos. Toda concepção crítica de mundaneidade e luta por um mundo melhor e mais justo, principalmente por uma educação melhor, certamente derivam do materialismo histórico dialético. Autores como Maria Montessori, John Dewey e principalmente Paulo Freire foram expoentes e divulgadores de uma educação para a paz, entrelaçada ao método de Marx e Engels. Freire diz, ao receber o Prêmio UNESCO da Educação para a Paz de 1986: De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi sobretudo que a Paz é fundamental, indispensável, mas que a Paz implica lutar por ela. A Paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A Paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a Paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças o torna opaco e tenda a miopizar as suas vítimas. A proposta de colocar o pensamento de Paulo Freire nestas considerações é justamente por selar esta proposta do método de Marx e Engels na sua relação com a paz no século XXI, seus pensamentos e obras trazem como pano de fundo tanto o materialismo histórico e dialético como uma cultura de paz protagonista, com justiça social e liberdade. Em sua última entrevista, antes de sua morte, Paulo Freire conta que quando jovem foi aos mangues, morros e favelas do Recife-Pe para trabalhar com os favelados. Chegou até lá guiado por um sentimento cristão, entretanto, a realidade dura e a negação dessas pessoas como gente associada à falta de liberdade, remeteu-o a Marx. Nas palavras do próprio Paulo Freire, ... Eu fiquei com Marx na mundaneidade a procura de Cristo na transcendentalidade. Para finalizar, fazemos nossas as palavras de Petrarca *Diálogo de Petrarca* (poeta e humanista italiano) com um louco, sobre a importância da paz: O louco, ao ver os soldados a marchar, pergunta ao poeta: Para onde vai? À guerra, responde-lhe Petrarca. O louco observa: Não é verdade que esta guerra terminará um dia através da paz? É certo!, replica o poeta. Então acrescenta o louco: Porque não fazem já a paz antes de começar a guerra? E Petrarca conclui pensativo: Eu penso como o louco!.

Referências Bibliográficas

- CALLADO, C. V. Educação para a paz: promovendo valores humanos na escola através da educação física e dos jogos cooperativos. Santos-SP: Projeto Cooperação, 2004.
- GUIMARÃES, M.R. Educação para a paz: sentidos e dilemas. Caxias: EDUCS, 2005.
- JARES, X.R. Educação para a paz: sua teoria e sua prática. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LOZANO, F; RUEDA, M.A. Educación para la paz. MICA, Madrid, 1997.
- MARX, K. O capital: crítica da economia política. 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. 571 p.
- MARX, K. Manuscritos econômicos filosóficos. 2 ed. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- MARX, K. Contribuição à crítica da economia política. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 285 p.
- MARX, K.; ENGELS, F. A ideologia alemã. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 1979.

PROUDHON, P.J. A guerra e a paz. 24 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 71 p.

SÁNCHEZ, F. et al. Libro vasco de la educación para la paz. Euskadiko Gazteriearen Kontseilua. Bilbao, 1997.

UNITED NATION EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION - UNESCO. Convenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Londres, 1945. Disponível em: . Acesso em 07 jul. 2012.